
A cidade de Gramado/RS e a construção de sentidos¹

Rafaela BERTUZZO²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este estudo, oriundo de reflexões presentes na dissertação em desenvolvimento, com título provisório: “A experiência da criança no evento Natal Luz e sua relação com a dinamização dos ritos a partir do imaginário das cidades”, tem o objetivo de discorrer sobre a relação entre imaginário e cidade, assim como verificar a construção dos sentidos atribuídos ao município de Gramado/RS. A partir de pesquisas bibliográficas, foi possível ter maior entendimento sobre as ideias de La Rocca (2018), além de relacioná-las com os sentidos produzidos ao longo dos anos pelo município.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Gramado; Cidade; Imaginário.

1. INTRODUÇÃO

A cidade atua como protagonista na construção do imaginário, por meio de sua arquitetura, do seu visual, dos seus estímulos sonoros, entre outros. Os diferentes espaços que ocupam o território têm a capacidade de aflorar nos sujeitos a imaginação, a representação e os sentidos. Além disso, segundo Certeau (1994), por meio de operações mentais, a cidade é geradora de sensibilidades e recordações.

O imaginário da cidade deve ser compreendido a partir de um panorama plural, uma vez que é formado por uma configuração espacial em que grupos sociais, de culturas, religiões e idades diversas coexistem, abrangendo variadas visões de mundo. Torna-se necessário, assim, sentir, escutar e tocar os espaços, que caracterizam a comunidade urbana (LA ROCCA, 2018).

A partir dessa compreensão, é possível entender a contemporaneidade e a sociedade, visto que, diante da renovação e dos movimentos dos espaços, pode-se obter informações sobre o estado e a evolução da cidade. Além disso, no município sempre há algo novo a se descobrir, pois ele é inventado e reinventado constantemente, a partir dos

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Social pela PUCRS. E-mail: rafaela.bertuzzo@edu.pucrs.br.

acontecimentos que nele ocorrem e que acarretam novos significados (NOGUEIRA, 1998).

Hoje, dentre os diferentes municípios do Rio Grande do Sul, destaca-se Gramado, que, aproveitando sua condição histórica de cidade de imigração europeia, utiliza de elementos que alimentam esse imaginário para se relacionar com os diferentes públicos, como moradores e turistas. É considerado, cada vez mais, um destino modelo por uma soma de sentidos que são atribuídos ao imaginário da localidade. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho, oriundo de reflexões presentes na dissertação em desenvolvimento, com título provisório: “A experiência da criança no evento Natal Luz e sua relação com a dinamização dos ritos a partir do imaginário das cidades”, é discorrer sobre a relação entre imaginário e cidade, assim como verificar a construção dos sentidos atribuídos ao município de Gramado.

2. A CIDADE E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Por intermédio de desejos, experiências, memórias e expectativas individuais e coletivas, ao pensar na cidade, manifesta-se no sujeito um universo de sentidos, relações, símbolos e representações, determinado pelas ruas, calçadas, prédios, pessoas etc. Certeau (1994) acrescenta que, no cotidiano, ao se mover pelo município, pode-se organizar um conjunto de possibilidades mentais, que variam conforme os momentos e os percursos do caminhante.

Nogueira (1998) comenta que, dentre os significados que fizeram parte do imaginário das cidades no decorrer dos anos, destaca-se a personificação do feminino, da maternidade, a cidade como mãe-pátria. Ademais, está presente a dicotomia paraíso/inferno, sendo o saudosismo, a distância da terra natal e a glorificação do passado atrelados ao paraíso, e o presente e a utopia do futuro ao inferno. Além disso, salienta-se o arquétipo do círculo, a comunidade territorial como um recinto familiar aconchegante e protegido por cercas, fechada para defender-se dos inimigos.

Hoje, por outro lado, a concepção de cidade se estende ao infinito. A comunidade urbana contemporânea caracteriza-se pela velocidade da circulação, “pelos fluxos de mercadorias, pessoas e capital em ritmo cada vez mais acelerado, rompendo barreiras, subjugando territórios” (ROLNIK, 1988, p. 9). Portanto, não se deve mais

pensar sobre a cidade numa ótica rudimentar de ordem funcionalista, buscando controlá-la em sua totalidade, como um processo “fechado”. É necessário considerá-la como uma plataforma de situações abertas, com uma variedade de práticas e tribos, que recarregam sua fisionomia de novas significações.

Ainda, o espaço público da cidade não deve ser mais visto somente como um cenário de circulação do cotidiano, mas como também um símbolo do desejo de cidadania em protestos, comícios e passeatas, e em palco de shows, desfiles e grandes eventos, em festas religiosas e carnavais.

Quando o território da opressão vira cenário de festa, é a comunidade urbana que se manifesta como é: com suas divisões, hierarquias e conflitos, assim como com suas solidariedades e alianças. Na hora do rito, isso vem à tona; mas no dia a dia tudo isso está presente, subjacente, nos gestos e palavras cotidianas dos habitantes da cidade. (RÓLNIK, 1988, p. 25).

O advento da pós-modernidade fomenta uma nova centralidade da cena urbana, com expressões coletivas revalorizadas e espaços reapropriados simbolicamente. Há uma redescoberta do território da cidade e de seu simbolismo, e a partir da compreensão desses novos sentidos, pode-se descobrir os modos de habitar o mundo contemporâneo. Por esse motivo, La Rocca (2018, p. 17) refere-se à cidade como um “laboratório gigantesco de pesquisa sobre o social em eterna mutação”.

La Rocca (2018) também enfatiza a importância de se entender as diferentes visões a respeito da cidade conforme as fases históricas de seu desenvolvimento. De acordo com Thomas Kuhn (1962, apud LA ROCCA, 2018 p. 17), cada época, com suas práticas sociais distintas, gera uma estrutura imaginária chamada de paradigma, que, para ele, é uma visão do mundo, um modelo normativo. Quando esse sistema passa por uma crise, há uma mudança de paradigma. Em 2020, por exemplo, em decorrência da pandemia da COVID-19, muitos processos já definidos dentro da cidade tiveram que ser repensados, reapropriando sentidos e demonstrando o estado social e as características dos indivíduos desse período.

As cidades contribuem para o desenho de mapas mentais, cognitivos e neurossensoriais, que influenciam na construção do imaginário. Nesse sentido, a seguir serão apresentados elementos que interferem na produção dos diferentes sentidos atribuídos por todos àqueles que se relacionam com a cidade de alguma maneira, como moradores, turistas etc.

2.1 A arquitetura

De acordo com Rolnik (1988, p. 17), “o desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo.” Não é somente a cidade que produz textos que permanecem fixados na memória, mas também as tipologias arquitetônicas urbanas, que podem ser lidas e decifradas, como se fossem um texto.

Para La Rocca (2018, p. 29), a arquitetura da cidade atua como a “pele” dos espaços, tanto em caráter simbólico quanto de função. “Ela estetiza: tanto do ponto de vista da beleza (ou da feiura), quanto do ponto de vista da esfera da percepção neurossensória”. Trata-se de formar as primeiras imagens mentais no sujeito ao se pensar na cidade, estabelecendo papéis primordiais na construção do imaginário, bem como na captação da relação entre forma, indivíduo e ambiente.

Além disso, conforme La Rocca (2018, p. 30), pode-se equiparar, em termos de sentidos, a relação entre o homem e a arquitetura com a de um corpo de um homem com o de uma mulher, uma vez que, diante de uma obra arquitetônica, a admiração do sujeito é de ordem semelhante à qual ele experimenta perante a um corpo humano: “[...] nós apreciamos a sinuosidade de suas formas, o elevaremos a ícone de beleza, o idealizaremos, o mitificaremos.”

Wilkoszynski (2006) comenta, por outro lado, que a relação entre a arquitetura da cidade e o sujeito está na concretização de sonhos, visto que, por meio das construções, os desejos e as necessidades da modernidade se realizam. Complementa ainda que, por intervenção de projetos, desenhos, prédios, monumentos, ruas, entre outros, as representações arquitetônicas são a maneira como o imaginário da cidade se materializa.

É adicionado ainda por Wilkoszynski (2006) que as estruturas arquitetônicas podem ser consideradas uma parcela indissociável do espaço urbano. Devem ser vistas como um “fator de grande importância para o estudo das transformações ocorridas na paisagem das cidades, e, por consequência, na formação e análise do imaginário social” (WILKOSZYNSKI, 2006, p.37).

De maneira geral, a arquitetura consiste em um elemento essencial para a compreensão da climatologia de uma cidade, assim como na construção de sentidos que

nutrem o imaginário. Ainda, atua como cenário de sonhos, deambulações, devaneios, desejos e derivas psicogeográficas. Além da arquitetura, outros aspectos presentes no dia a dia da cidade devem ser considerados, entre eles os estímulos sonoros, que serão discutidos em seguida.

2.2 Estímulos sonoros

A influência dos dispositivos sonoros na experiência sensorial de um espaço vivido é indiscutível, visto que, de acordo com La Rocca (2018), com intermédio da sonorização, o sujeito pode “tocar” as localidades. Além disso, esse traço da climatologia urbana tem a capacidade de gerar participação afetiva coletiva e intimidade com o local.

Embora se tenha a impressão de que o imaginário está mais próximo dos sentidos visuais do que dos sentidos auditivos, Wisnik (1989, p. 18) frisa que o elemento sonoro é essencial para a concretização da representação de imaginários. O som, caracterizado por sua subjetividade, toca o indivíduo com precisão, mesmo que não possa ser tocado diretamente. “As suas propriedades ditas dinamogênicas tornam-se, assim, demoníacas (o seu poder, invasivo e às vezes incontrolável, é envolvente, apaixonante e aterrorizante).”

O som, para Wisnik (1989, p. 30), é um dos objetos mais diferenciados que povoam o imaginário, uma vez que é invisível e impalpável. O meio que o constitui “escapa à esfera tangível e se presta à identificação com uma outra ordem do real”.

Quando uma criança ainda não aprendeu a falar, mas já percebeu que a linguagem significa, a voz da mãe, com suas melodias e seus toques, é pura música, ou é aquilo que depois continuaremos para sempre a ouvir na música: uma linguagem em que se percebe o horizonte de um sentido que, no entanto, não se discrimina em sentidos isolados, mas que só se intui como uma globalidade em perpétuo recuo, não verbal, intraduzível, mas à sua maneira, transparente. (WISNIK, 1989, p. 30).

Em suma, a sociedade atual produz um universo de dispositivos sonoros, que influenciam o olhar e o imaginário. Além da sonorização, há também um dilúvio de imagens, criado especialmente a partir do visual. A seguir, será aprofundado esse aspecto, que é um dos traços característicos da climatologia urbana.

2.3 O visual

Ao pensar em cidade, desenvolve-se automaticamente na mente do sujeito uma seleção de imagens que criam uma “imagem da cidade”. Essa proliferação, de ordem visível, natural e sensível, é oriunda de diferentes estímulos visuais que saturam o percurso da visão. Segundo La Rocca (2018, p. 166) “cada suporte urbano se torna uma ferramenta de expressão, a disponibilização de um sistema de produção e de reprodução, de criação e de recriação de imagens.” Esses sinais são responsáveis por elaborar uma unidade simbólica que, de maneira primordial, através do visual, alimentarão o imaginário.

La Rocca (2018) completa que essa gama de sinais gera a sensação de que a cidade não poderia existir sem ser invadida por essa proliferação de imagens, que estimulam a solicitação visual e as percepções dos momentos vividos. Além disso, destaca que todos esses estímulos são utilizados para desenvolver estratégias operativas de comunicação, como a chamada *City Branding*³. Deve-se, nesse sentido, entender esse conjunto de técnicas como uma forma de direcionamento do olhar, “com a intenção de produzir um determinado sentido por meio de uma semiótica visual (LA ROCCA, 2018, p. 166).

É necessário salientar ainda que, atualmente, as imagens capturadas pela visão podem ser reproduzidas digitalmente, o que as tornam possíveis de serem circuladas e acumuladas de maneira instantânea. Segundo La Rocca (2018), nos espaços do vivido está em curso uma polifonia visual que estrutura a mediação estética entre a cidade e o sujeito, e que, por meio dos diferentes dispositivos, pode ser facilmente propagada para os demais.

Conforme La Rocca (2018), o imaginário alimentado pela articulação entre os estímulos sonoros e o visual, agora apresentados, tem a capacidade de transportar o sujeito para além do universo exibido, assim como nos superlugares, conceito que será mostrado a seguir.

2.4 Os superlugares

Oriundas de sociedades mais consumistas e tecnológicas, as cidades são afetadas, cada vez mais, por transmutações, que contaminam todo o conjunto da

³ Termo usado para se referir às estratégias de marketing aplicadas ao desenvolvimento econômico, político e cultural de cidades, regiões e países.

geografia urbana. Com base nisso, expressões surgem a fim de abranger essa nova configuração, entre elas, destaca-se o conceito de “superlugar”, nome criado com o prefixo “super” com o objetivo de demonstrar o excesso e a excepcionalidade das localidades. Para esses tipos de espaços, também são utilizadas outras nomenclaturas, como “cidade da moda”, “cidade do design”, entre outros (LA ROCCA, 2018).

Os superlugares, caracterizados por oferecerem entretenimento tanto para adultos quanto para crianças, atuam como imãs, devido à quantidade de elementos de forte atração psicofísica presentes em seus espaços, como luzes, mercadorias, telas etc. Os sujeitos são levados a esses locais magnetizados a partir do desejo de consumir não somente objetos, mas também desejos, pulsões e sonhos. Com o intuito de terem momentos de frenesis felizes, unem-se ao contorno de festas, jogos e todos os tipos de atratividades que são “um sinal efêmero da diversão que conota e acompanha a imersão espacial” (LA ROCCA, 2018, p. 66).

La Rocca (2018) complementa que o impacto da penetração dessas megaestruturas, capazes de orientar estilos, gostos e comportamentos, remete ao instante proporcionado ao sujeito diante de uma paisagem da fantasia de “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll (1865).

Um maravilhamento moldando uma espécie de orionópolis: concretização de um imaginário do sono, da fantasmagoria, da atração, que encontra expressão na artificialidade dessas estruturas, reproduzindo um distrito multifuncional de lazer e de comércio. (LA ROCCA, 2018, p. 69).

Os superlugares podem ser considerados epicentros de experiências, buscados pela necessidade do indivíduo em exteriorizar sua presença no mundo. De acordo com La Rocca (2018) em todos os locais acontece alguma coisa, contudo, nesses espaços excepcionais ocorrem verdadeiros espetáculos, que ativam a esfera sensória e emocional do sujeito em busca de experiências excitantes, o que pode ser definido como “arquitetura do desejo”.

Nessa direção, assim como apresentado por Debord, que salienta que a sociedade está cada vez mais se tornando um grande “espetáculo”, La Rocca (2018) afirma que uma das principais características das cidades pós-modernas é a espetacularização das formas. No caso dos superlugares, a partir das atrações, o indivíduo torna-se um protagonista ao mesmo tempo que um espectador do evento, do lugar.

Com a expansão dos superlugares, é necessário, cada vez mais, compreender a transformação urbana e o imaginário coletivo. Outro conceito que relaciona-se às mudanças dos territórios contemporâneos e a construção do imaginário das cidades é o de “Hype City”, que será apresentado em seguida.

2.5 Conceito de *Hype City*

Os espaços urbanos proporcionam uma variedade de situações de divertimento para realizar os desejos dos sujeitos ali estabelecidos. Por meio de seus diversos agentes, cria momentos e lugares de encontro para satisfazer a necessidade de expressão dos indivíduos. “O jogo, a arte, o espetáculo, o festivo e, mais amplamente, o eventual, que contém todos esses elementos, permitem, de certa maneira, uma catarse, logo, a liberação das pulsões por meio da representação simbólica [...]” (LA ROCCA, 2018, p. 94).

Nessa perspectiva, surge o conceito de “*Hype City*”, um *modus operandi* bem como um *modus vivendi* fundamentalmente vinculados às tendências de moda. A palavra em inglês “*Hype*” é utilizada para se referir ao que está sendo muito repercutido, chamando a atenção dos sujeitos. Esse termo é empregado, portanto, para tratar os espaços em evidência que produzem eventos que relacionam-se com a dimensão lúdica da existência humana, assim como com a capacidade de satisfazer os desejos do espírito festivo dos indivíduos (LA ROCCA, 2018).

A chamada *Hype City* produz modas e se torna uma, assim como desenvolve eventos e se transforma também em um. Para La Rocca (2018), o intuito dessas cidades é propagar em suas atrações, por meio de uma multidão, um efeito de transe coletiva, dando origem a uma liberação comum de energia, tanto física quanto mental. Seus eventos, assim como um simulacro, se repetem, são copiados e se reproduzem em diversas facetas lúdicas.

Além disso, La Rocca (2018, p. 107) salienta que a imersão nas diferentes situações lúdicas nas cidades relaciona-se diretamente com as análises de Benjamin sobre o “surgimento da metrópole moderna no século XIX, com seu aparato de distrações fantásticas que seduzem cada vez mais as massas urbanas.” Essas distrações são, cada vez mais, relacionadas com o uso de dispositivos digitais que, como visto

anteriormente, também influenciam os elementos visuais que alimentam o imaginário das cidades.

São atribuídos diferentes sentidos à cidade de Gramado/RS, que destaca-se por alimentar constantemente o imaginário dos seus variados públicos. Em seguida serão apresentadas informações sobre o município, assim como a produção de sentidos conferida.

3. A CIDADE DE GRAMADO/RS

Gramado localiza-se na Serra Gaúcha, no extremo sul do Brasil, a 115 quilômetros da capital do estado, Porto Alegre. Faz divisa com Caxias do Sul ao norte, Três Coroas ao sul, Canela a leste e Nova Petrópolis a oeste. Sua área estimada é de 237,019 quilômetros quadrados e sua população de 36.555 pessoas, de acordo com dados do *IBGE* de 2020.

A localização geográfica de Gramado, a 830m de altitude, confere-lhe paisagens acidentadas e um clima úmido e temperado, com regime definido de chuvas e estações. No verão, prevalece uma temperatura amena, em torno de 22 °C, com dias normalmente agradáveis. No inverno, por outro lado, predominam as temperaturas mais baixas, às vezes menores que 0 °C, com frequentes geadas e possíveis episódios de neve (VARGAS; GASTAL, 2015).

A cidade de Gramado pertence à Região das Hortênsias, considerada a principal rota turística do Rio Grande do Sul. Dentre os municípios da região, o que mais se destaca é Gramado (AS 15 CIDADES..., 2018), pois explora a realização de eventos em um calendário extenso durante todo o ano, além de sua beleza natural, gastronomia, arquitetura, entre outros.

Segundo registros históricos, Gramado começou a se constituir como cidade em torno de 1875, a partir da instalação de famílias luso-açorianas no território. Os novos moradores exerciam atividades associadas ao tropeirismo, o que originou, posteriormente, o nome da cidade, que se refere a um gramado, perto de um riacho, utilizado para descanso pelos tropeiros em trânsito pela região (VARGAS; GASTAL, 2015).

Nos anos seguintes, conforme Vargas e Gastal (2015), os europeus vindos da Península Itálica estabeleceram-se no interior do território como produtores rurais. Os germânicos, de maneira especial aqueles já residentes desde as décadas iniciais do século XIX na capital do Rio Grande do Sul, chegaram a Gramado anos mais tarde, no início do século XX. Essa miscigenação refletirá, posteriormente, na produção do imaginário da cidade, como será visto no tópico a seguir, referente a construção de sentidos realizada pelo município.

3.1 A construção de sentidos

Gramado destaca-se, cada vez mais, por uma soma de sentidos que são atribuídos ao imaginário da cidade. Dornelles (2001) salienta que a sensação transmitida aos sujeitos, muitas vezes, ao se pensar na localidade, é de que Gramado é uma criação, um espaço montado diferente de qualquer outro local. Assim como comentado por La Rocca (2018) ao se referir aos superlugares e sua capacidade de propiciar uma paisagem fantasiosa de “Alice no País das Maravilhas”.

Azambuja e Mecca (2017) comentam que outros sentidos conferidos ao município são atrelados ao clima, considerado mais agradável para que os sujeitos possam apreciar os parques locais, restaurantes, lojas à céu aberto etc. Dornelles (2001), em contrapartida, salienta que Gramado faz uso de suas temperaturas mais baixas para estimular o personagem do Papai Noel, figura normalmente associada ao frio, à neve e ao hemisfério norte.

Dornelles (2001) frisa também que é possível encontrar facilmente imagens, na decoração da cidade, de personagens do universo infantil, como bonecas de porcelana e ursos de pelúcia.

É comum também, nesse sentido, encontrar em algumas lojas de venda de chocolate, bonecos feitos com esse produto como: gnomos, duendes, branca de neve, coelhos, além do próprio Papai Noel sempre presente nas vitrinas intensificado bem mais no período do Natal. (DORNELES, 2001, p.40).

Portanto, pode-se associar a cidade de Gramado à noção dos superlugares, caracterizados por disponibilizarem entretenimento não somente para adultos, como também para crianças. Além disso, essas imagens lúdicas atuam diretamente na promoção do visual, alimentando o imaginário do território.

Para Dorneles (2001), é necessário compreender ainda que, os imigrantes, especialmente italianos e alemães que se estabeleceram no município, suscitaram particularidades étnicas que são reforçadas constantemente. Os sentidos que se constroem da localidade, seja através da mídia seja por meio da produção de suas festividades, privilegia a descendência étnica do local, como pode-se perceber, por exemplo, no caso da Festa da Colônia⁴ e do Natal Luz⁵, considerados eventos relevantes sediados pelo município.

Ainda, deve-se salientar que essas festividades desenvolvidas pela cidade relacionam-se com a dimensão lúdica do sujeito, assim como abordado por La Rocca (2018) ao se referir ao conceito de *Hype City*. O evento, por meio da arte, do espetáculo e do festivo, é capaz de permitir ao indivíduo a catarse e a liberação das pulsões.

Segundo Dorneles (2001), a principal ferramenta utilizada pela cidade para se relacionar com seus diferentes públicos foi o uso de elementos que compõem o imaginário brasileiro, tendo como exemplo, aqueles que compõem o mito de se viver um “estilo europeu”. Não é difícil encontrar, por exemplo, no comércio local “camisetas, moletons, bonés, muitos destes com a seguinte frase escrita: Gramado naturalmente europeia” (DORNELES, 2001, p. 30).

O município também incorpora esse imaginário a partir de suas escolhas arquitetônicas, utilizando ramificações da arquitetura germânica, com materiais naturais, como a pedra e madeira, e o estilo bávaro e o enxaimel. Azambuja e Mecca (2017) acrescentam ainda que, além de Gramado estar vinculada ao imaginário de um lugar não brasileiro e de europeização, de forma especial, com seus projetos arquitetônicos, é associada também ao imaginário de “disneyficação”. O processo se dá através de seus parques, eventos etc., que, conforme Luciano Peccin (2018), criador do Natal Luz, foram inspirados no *Walt Disney World Resort*.

Em suma, a cidade de Gramado cria e recria diferentes elementos que influenciam na construção do seu imaginário. A seguir serão feitas as reflexões realizadas sobre este trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES

⁴ Festividade responsável por incentivar as tradições alemãs e italianas, por meio de oficinas, danças, jogos, entre outros.

⁵ Considerada a maior festa natalina do Brasil, ocorre anualmente entre os meses de novembro e janeiro.

As cidades não são compostas somente de espaços materiais, mas também de lugares de convivência, imaginação, representação e sentidos. Tratam-se de territórios em constante renovação, capazes de transmitir informações sobre a evolução e a situação de uma sociedade e que interferem diretamente na produção dos sentidos do sujeito.

A partir de pesquisas bibliográficas, foi possível ter maior entendimento sobre as ideias de La Rocca (2018) e sua contribuição aos estudos do imaginário ao relacioná-lo com as cidades. De acordo com o autor, elementos como o visual, o som e a arquitetura de um município são carregados de sentidos que influenciam no cotidiano e nos processos mentais do indivíduo.

Ademais, pôde-se relacionar esses diferentes elementos, assim como os conceitos de superlugar e *Hype City* apresentados por La Rocca (2018) aos sentidos conferidos ao município de Gramado ao longo dos anos. Essa contribuição se deu de diferentes formas, por meio dos produtos comercializados, da mídia, dos eventos, entre outros.

Em suma, por intermédio de suas atrações, destinadas a todas as idades e a construção de seus processos lúdicos, a cidade de Gramado atua diretamente na construção de sentidos que nutrem o imaginário. Além disso, utiliza sua descendência étnica e suas características consideradas incomuns no contexto em que está para se destacar dentre os diferentes municípios gaúchos.

REFERÊNCIAS

SAIBA MAIS SOBRE GRAMADO. Disponível em:
<https://www.gramado.rs.gov.br/pagina/conheca>

AS 15 CIDADES favoritas do Sul do Brasil. In: EXPEDIA Brasil. [S. l.], 12 abr. 2018. Disponível em:
<https://viajando.expedia.com.br/as-15-cidades-favoritas-do-sul-do-brasil/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1, artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DORNELES, E. B. Gramado: a produção e consumo de uma imagem europeia no sul do Brasil. 2001. 182 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de

pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

GRAMADO. In: IBGE. Brasília, [2020]. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/gramado/panorama>. Acesso em: 18 jul. 2021.

LA ROCCA, F. A cidade em todas as suas formas. Porto Alegre: Sulina, 2018.

NOGUEIRA, M. A. L. A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. História, Ciências, Saúde, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 115-123 mar.-jun. 1998. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/TJVSM8CMHGLNZ9t6zBw3dGm/?lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2021.

PECCIN, L. A luz que transformou uma cidade: os bastidores do Natal Luz de Gramado. [S. l.]: Capa comum. 2018.

ROLNIK, R. O que é Cidade? São Paulo: Brasiliense, 1988.

VARGAS, D. P.; GASTAL, S. Chocolate e turismo: o percurso histórico em Gramado, RS. Turismo: visão e ação, v. 17, n. 1, p. 66-102, 2015. Disponível em:
<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/7702/4402>. Acesso em: 18 jul. 2021

WILKOSZYNSKI, A. do C. Imagens da arquitetura: narrativas do imaginário urbano em Porto Alegre. 2006. Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8163>. Acesso em: 18 jul. 2021.

WISNIK, J. M. O som e o sentido. São Paulo: Companhia das Letras, 1989